



ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (Org.). *Trajatórias de literatura e gênero: territórios reinventados*. Caxias do Sul: EDUCS, 2016. 297 p.

Vicentônio Regis do Nascimento Silva

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná / Brasil

vicrenos@yahoo.com.br

A literatura de autoria feminina pode ser reconhecida como espaço plural e transitório, de resistência a padrões instituídos, aproximando-a do conceito do sublime, o qual se apresenta como possibilidade de constantes deslocamentos, admitindo o ilimitado, o informe e o paradoxal. O sublime trabalha no nível da tensão e da instabilidade, e visto sob o prisma literário é a expectativa do que está por vir, ultrapassando os limites do belo. As categorias do belo e do sublime se distinguem na relação possível com o objeto, o primeiro possuindo a capacidade de apresentá-lo, enquanto o último o concebe sem uma regra que o especifique (KAMITA, 2016, p. 51).

O primeiro capítulo – “Sexo, raça e gênero na lógica colonial: o que contam as mulheres” (Simone Pereira Schmidt)¹ – atenta para o conceito desvirtuado de feminismo, “[...] erigido reiteradamente como uma radicalidade embaraçosa, a ser afastada e negada” (SCHMIDT, 2016, p. 14). Recorrendo às entrevistas de Paulina Chiziane, a pesquisadora reforça a tese de que o projeto de ascensão feminista precisa considerar dois pontos: primeiro, a diferença entre gênero e feminismo (uma vez que muitos homens são feministas); segundo, o exercício do feminismo amplo, interligado, mas não submisso ao europeu. O feminismo precisa ampliar seus horizontes, calcando-se em novas experiências (SCHMIDT, 2016, p. 16), dedicando-se, inclusive, à temática da violência contra a

¹ Por uma questão estilística, apresentaremos os títulos dos capítulos entre aspas e, em seguida, entre parênteses, os nomes de suas respectivas autoras.

mulher negra, cujo corpo, violado, torna-se martírio para ela (culpada pelos eventuais estupros) e refestelo para o homem branco (acobertado pelos pares, subalternos e esposas, reforçando a hierarquia de gêneros e “raças”).

O feminismo negro [...] denuncia o racismo do patriarcado brasileiro, mas busca, sobretudo, rastrear outras construções discursivas, aquelas que, a partir de diferentes lugares (discursivos, geográficos, sociais, geracionais), têm procurado definir o que seria uma poética e uma política de representação das mulheres negras (SCHMIDT, 2016, p. 19).

Já mencionada no capítulo anterior, Conceição Evaristo, a genitora de *Ponciá Vicêncio*, divide a temática da violência: “Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência” (Eduardo de Assis Duarte). Contrapõe-se Fonseca a Evaristo, apontando, na literatura brutalista, o alcance da violência não apenas sobre a classe alta, mas igualmente aos subalternos que, aos poucos, adquirem voz:

O que diferencia então a brutalidade inscrita nos contos de Evaristo do “brutalismo” presente em Fonseca? Numa palavra, a *forma*, entendida como *linguagem e projeto*. O conto fonsequiano segue a lógica consecutiva da ação muitas vezes espetacular, que visa chocar e prender a atenção pela surpresa e pela sucessão de gestos o mais possível inusitados [...] Ao contrário desse império cinematográfico da ação, o conto de Evaristo, mesmo sem abrir mão de cenas pungentes e de grande impacto, envolve-as numa linguagem marcada por tonalidades poéticas, em que há lugar para o sentimento e para a humanidade, tanto das vítimas quanto de seus carrascos. E, juntamente com a poesia e o sentimento, a reflexão em busca do porquê de tudo aquilo (DUARTE, 2016, p. 29-30).

Ainda no terceiro capítulo, a obra de Conceição Evaristo é discutida. Em “A menstruação na obra de Conceição Evaristo” (Conceição Flores), distingue-se o momento histórico do biológico na transformação da menina em mulher. Do ponto de vista histórico, tornar-se mulher é algo inevitável; do biológico, caracteriza-se pela primeira menstruação (FLORES, 2016, p. 38). Conceição Evaristo denomina a menstruação como rubra semente (FLORES, 2016, p. 39), “[...] asseverando haver nos olhos da mulher a reminiscência de uma genealogia feita de sangue e lágrimas, que une todas as mulheres” (FLORES, 2016, p. 43).

No capítulo “O sublime feminista: escritoras negras na literatura brasileira” (Rosana Cássia Kamita), a autora afirma que se o sublime é forma de resistência, o sublime feminista configura-se como recusa à “homogeneização autoritária”, já que procura “[...] manter uma condição de incerteza radical com a própria condição de sua possibilidade, em uma dimensão ética e estética” (KAMITA, 2016, p. 53). Dessa maneira, “o juízo estético sublime expõe a crise, a fratura, em um momento de ruptura com o compreensível, apresenta-se com a marca do excessivo, do absoluto, do infinito” (KAMITA, 2016, p. 54). O intuito é romper a visão tradicional de comparação do feminino ao belo e do masculino ao sublime (KAMITA, 2016, p. 56). Assim, o sublime pode ser pensado como a literatura em movimento, “[...] expandindo seus limites e ampliando paradigmas, inclusive dentro da própria crítica literária feminista” (KAMITA, 2016, p. 57). Debruçando-se sobre as escritoras negras Laura Santos (poetisa com três livros sobre a temática do erotismo e da liberdade) e Francisca Souza da Silva (representante da escrita de si por meio da qual reverberam miséria, abandono e violência doméstica), a estudiosa esclarece que

O posicionamento crítico do sublime feminista destaca o descompasso da afirmação de que a arte se eleva acima de questões de gênero, raciais e de outras identidades socialmente marcadas, pois na prática essas ausências ou sub-representações se fazem sentir no contexto paradigmático. Ainda que isso possa ser estatisticamente verificável, mantém-se essa postura de neutralidade nas artes e cabe, portanto, provocar o debate no sentido de se avançar em relação à questão. A crítica feminista se contrapõe à postura tradicionalista da estética, que considera um sujeito universal e juízos de gosto universalistas, mas que pressupõem o apagamento das diferenças. O sublime torna-se um conceito relevante para o feminismo, justamente porque aí reside a fratura, ao assumir a possibilidade do excesso, da diferença que assusta e atrai concomitantemente. Nesse sentido, conforme já salientado, cabe admitir o desafio dessa diversidade, em uma postura ética de respeito e aceitação dessas diferenças (ZINANI; SANTOS, 2016, p. 58).

Em “Uma representação literária das zonas de contato do Atlântico Negro: *I, Tituba, black, witch of Salem*, de Maryse Condé” (Leila Assumpção Harris), a autora analisa como “[...] Condé transforma

a figura da mulher subalterna, historicamente silenciada (SPIVAK, 1988), em heroína de dimensão épica e faz da literatura um instrumento de resistência aos paradigmas coloniais e patriarcais” (HARRIS, 2016, p. 68). O projeto literário de Condé entrelaça-se a algo mais amplo: “[...] recriar a história e a memória, reconstruir através da pesquisa e da imaginação um passado esvaziado, obliterado pela história ocidental” (HARRIS, 2016, p. 74).

Em “O retrato da artista quando escritora” (Lélia Almeida), examina-se a espanhola Carmen Martín Gaité, cujo trabalho cria a “chica rara” e a “mujer ventanera”. Caracteriza-se a primeira pela inconformidade, pela luta contra os limites espaciais da casa e pela tentativa de adentrar a rua e, com isso, participar de aventuras (ALMEIDA, 2016, p. 83-84). Já a segunda mostra as mulheres que, por meio das janelas, aprendem a “sonhar, duvidar, imaginar” (ALMEIDA, 2016, p. 86): “[...] a janela, historicamente, na vida das mulheres, é o que une o mundo doméstico, privado, ao mundo público, das ruas, das cidades e da imaginação criadora” (ALMEIDA, 2016, p. 85).

Pondera-se, no capítulo “Igiaba Scego: escritora africana/italiana pós-colonial” (Márcia de Almeida), a respeito da romancista, crítica da questão pós-colonial, dedicada a dar voz às colonizadas, por meio da apropriação

[...] de forma criativa, da geografia, dos espaços e do mapeamento, para denunciar aos leitores o esquecimento do passado colonial que une a Itália às suas ex-colônias na África. [...] a Itália de fato nunca acertou as contas com a sua aventura colonial, e essa experiência, pouco examinada e nunca elaborada, acabou cristalizada em espaços-símbolo dos quais se esqueceram a origem e o significado (ALMEIDA, 2016, p. 99).

Qual a relevância de Marília na literatura? Talvez a resposta para essa pergunta esteja em “A presença de Marília no *Romanceiro da Inconfidência*” (Sandra Maria Pereira Sacramento). A partir da personagem, delineada por Tomás Antônio Gonzaga, Cecília Meireles exclui a condição feminina de ab-jeto (SACRAMENTO, 2016, p. 119), considerado algo “menor”, aproximando-se do “[...] relato de experiência, vinculado à tríade: conhecimento, juízo e ação; [...] numa postura *quiasmática* do sujeito no feminino, rumo ao empoderamento de direitos” (SACRAMENTO, 2016, p. 127).

Provavelmente o desinteresse por nomes como Elisa, Tania ou Clarice se exteriorizasse caso elas não fossem as irmãs Lispector – “Por uma ‘nova história’ das mulheres escritoras no Brasil: algumas anotações em torno das irmãs Lispector” (Nádia Battella Gotlib) – e caso resgates não se fizessem necessários para análise da produção, da divulgação e da crítica literária pelo tratamento da memória, ora por meio da autobiografia, ora por contos e crônicas:

Resgate de obra que teve sua repercussão, mas que posteriormente regrediu e mergulhou no esquecimento. É o caso de Elisa.

Resgate de obra que foi publicada, sim, mas que nunca teve divulgação. É o caso de Tânia.

Resgate da produção que teve e tem divulgação, diga-se enorme, em âmbito nacional e internacional, mas que precisa, a todo tempo, ser novamente resgatada, já que – isso é irônico, pois acontece justamente pela ampla divulgação – já que, repito, tem sido amplamente falsificada nos meios virtuais de comunicação. É o caso de Clarice (GOTLIB, 2016, p. 147-148).

“A paródia da violência doméstica em Marina Colasanti” (Carlos Magno Gomes) aborda o uso da paródia para denunciar a violência contra a mulher, revisando o conceito de família patriarcal e valendo-se do riso “[...] como forma de desconstrução das verdades hegemônicas” (GOMES, 2016, p. 149). A liberdade feminina não tem preço: a casa pode adquirir um viés metafórico de ninho (felicidade e paz interior) ou de jaula (encarceramento e exploração).

Esteticamente, o riso irônico se consolida como uma arma contra tais comportamentos masculinos, fundamentados por uma ordem misógina e opressora. Por isso, ao rever o passado por meio de uma visão irônica e paródica da violência de gênero, Colasanti imprime um ritmo político a essas representações, por meio das atitudes subversivas de suas protagonistas (GOMES, 2016, p. 160).

Quando se trata de ação ao Sul, “Escritoras uruguayas: diálogo intergeracional de Susana Soca al presente” (Claudia Amengual), embora esquecida, Susana Soca ajuda no desenvolvimento da cultura, abrindo portas para projetos de escritores como Felisberto Hernández e Juan Carlos Onetti (AMENGUAL, 2016, p. 166).

“Era uma vez, três vezes o amor em *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann” (Amélia Montechiari Pietrani) aborda um triângulo que não é

amoroso: Arabela (também conhecida por Bela) tem, no primeiro vértice, o marido (PIETRANI, 2016, p. 174), que a insulta e a ridiculariza por ser erudita; antes de adentrar o segundo vértice – representado pelo Senhor Pereira (seu amado e, dali em diante, chamado Catulo) –, ela passa a se chamar Lésbia, conseqüentemente mudando seu comportamento (PIETRANI, 2016, p. 176-177); e, no terceiro vértice, Alberto Lopes, médico que ocupará a figura de destaque nos últimos capítulos da obra (PIETRANI, 2016, p. 181). Que(m) é Lésbia?

[...] uma “criação híbrida” entre corpo e mente, a que ainda carrega o coração, embora tente negá-lo; a que optou pelo cérebro, e com ele a incandescência da ideia crítica, da reflexão constante, do pensamento incansavelmente repensado e refeito em palavras escritas e, talvez, exatamente por isso, jamais ausente de corpo, principalmente se considerarmos que o elemento material do pensamento, a sua manifestação sensível, é exatamente a palavra, com suas formas, seus sons, cores e silêncios (PIETRANI, 2016, p. 182).

“A rebeldia das poetas baianas às normas literárias da modernidade” (Ivia Alves) versa sobre o trabalho de duas baianas do século XIX (Adélia Fonseca, poetisa; Amélia Rodrigues, dramaturga) que se dedicaram ao discurso de denúncia das limitações e o de Myriam Fraga, baiana do século XX, cuja poesia fomenta o contra-discurso, oposto ao hegemônico (ALVES, 2016, p. 202).

Literatura e história são o carro-chefe de “Terra e identidade feminina: *bildungsroman* feminino em Alvina Gameiro” (Maria do Socorro Baptista Barbosa). Constatam-se nos três romances da piauiense as relações da mulher sertaneja com a terra, a identidade da mulher com a terra e a família, e o paradigma da sertaneja piauiense na primeira metade do século XX. Ora submissas, ora emancipadas (BARBOSA, 2016, p. 210), as personagens femininas buscam romper os bloqueios de compêndios de histórias de literatura que silenciam, minimizam ou excluem as ações femininas.

O que se pode perceber é que nessas narrativas a mulher que surge é uma mulher independente, que quebra barreiras e paradigmas. [...] São [...] três mulheres fortes, representações que quebram os padrões de sua época, quando as mulheres não podiam agir daquela forma. O que se pode apreender dessas quebras é que Gameiro, ao construir personagens femininas tão fortes, mostra

também, ironicamente, como a mulher real era vista e tratada pela sociedade de então. Nas falas das personagens masculinas, percebe-se o choque diante das ações daquelas mulheres, já que esperavam sempre outro comportamento (BARBOSA, 2016, p. 217).

Uma explanação acerca de movimentos de grupos de pesquisa e organizações sociais, apresentando evoluções e recuos desde a fundação até os nossos dias, sustenta “Do grupo à(s) rede(s): perspectivas feministas” com reflexões da consagrada pesquisadora Constância Lima Duarte (DUARTE, 2016, p. 221-229). Como se tivesse retomando o capítulo anterior, “Duplamente mulheres: o GT A Mulher na Literatura na construção de uma autoria feminina” (Nancy Rita Ferreira Vieira) esquadrinha a escrita literária feminina na cena contemporânea, demonstrando que, apesar do debate e da divulgação pela crítica feminista, ainda são claras as divisões que impõem poesia e literatura infantil às mulheres (VIEIRA, 2016, p. 232), inexplicavelmente suprimidas das premiações em outro gênero, o romance (VIEIRA, 2016, p. 240). Mostra-se necessário “ser duplamente mulheres, isto é, atuar no sentido de participar ativamente na divulgação, no debate, na construção da autoria feminina” (VIEIRA, 2016, p. 241).

“Trouxeste a chave? Do portal e da mala” (Tânia Regina Oliveira Ramos) discute a constituição de arquivos, reforçando que

Pesquisar arquivo pessoal não é apenas investigar sobre esse arquivo. Mas sim produzir escritas biográficas em compassos poéticos, a partir de chaves e de indícios que a vida nos oferece. Digo sempre que não estamos organizando um arquivo, mas temos que nos debruçar sobre ele. Entender, por exemplo, o que mereceria ser investigado por uma nova história literária e cultural do Brasil e perceber que o arquivo pessoal é ele mesmo um filtro entre o que se desejou público – a obra – e o que se desejou privado – a vida (RAMOS, 2016, p. 255).

O último e mais longo capítulo – “Traduções de cultura: para onde caminha a crítica feminista?” (Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Claudia de Lima Costa, Ana Cecília Acioli Lima) – aborda o esforço coletivo de seleção e tradução dos mais importantes textos feministas que, hoje, abrigam-se em portentoso volume de 840 páginas sob o título *Traduções da Cultura: Perspectivas críticas feministas (1970-2010)*, lançado, em 2017, pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Pela longuíssima leitura de capítulos e de autoras, percebe-se que este *Trajetórias de literatura e gênero*, habilmente organizado por duas críticas literárias que, por suas iniciativas e reflexões merecem estudo à parte, é um livro que merece leituras e releituras. Possibilitando-nos consistentes percursos teóricos e metodológicos, permite-nos o conhecimento, a assimilação e a escolha de referenciais que, na condição de leitor e pesquisador, nos libertam das amarras simbólicas que nos impedem de abrir caminhos para o reconhecimento da ascensão, da qualidade e do espírito guerreiro feminino.

Recebido em: 01 de maio de 2018.

Aprovado em: 19 de julho de 2018.